

A FAMÍLIA E A ESCOLA: CONECTANDO SABERES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

RICKES, Marcele Neutzling¹; ALMEIDA, Ana Paula de;² OLIVEIRA, Sabrine de³

Resumo: O tema sobre escola e família tem-se apresentando emergente no século XXI, frente ao atual contexto mundial, a escola e a família constituem-se as principais instituições sociais de formação humana. Para os educadores, firmar uma aliança entre escola e família pode contribuir muito, visando, principalmente, o crescimento intelectual do educando. Assim, neste sentido este trabalho tem o intuito de mostrar que a proximidade dessas instituições é o caminho para proporcionar uma boa formação ao aluno e lidar com eventuais problemas de comportamento ou dificuldades de aprendizagem. Nesta perspectiva, acredita-se que é partindo desse vínculo que a escola, o educando e a família melhoram o que precisam e crescem juntos.

Abstract: The issue of school and family has been presenting emerging in the twenty-first century, against the current global context, the school and the family constitute the main social institutions of human formation. For educators, establish an alliance between school and family can contribute a lot, aiming mainly at the intellectual growth of the student. So in this sense this work is intended to show that the proximity of these institutions is the way to provide a good education to the student and deal with any behavioral problems or learning difficulties. In this perspective, it is believed that is based on this bond that the school, the student and family improve what they need and grow together.

1 Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Ibirubá. E-mail: marcele.rickes@ibiruba.ifrs.edu.br

2 Assistente Social do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Ibirubá. E-mail: ana.almeida@ibiruba.ifrs.edu.br

3 Tradutora Intérprete em LIBRAS do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Ibirubá. E-mail: sabrine.oliveira@ibiruba.ifrs.edu.br

Palavras- chave: Escola. Família. Crianças. Educação. Aprendizagem.

Keywords: School. Family. Children. Education. Learning.

INTRODUÇÃO

A temática família e escola tem-se apresentado emergente no século XII, a partir de novos contornos a família vem adentrando crescentemente os espaços escolares, a escola também, por sua vez, alargou consideravelmente sua zona de interação com a instituição familiar.

Assim, procura-se construir uma abordagem analítica sobre as influências da escola e da família no processo de aprendizagem, uma vez que estudos anteriores apontam, que ambos são elementos de influência decisiva no desenvolvimento do educando.

As aprendizagens, assim como o comportamento, derivam de como suas necessidades e desejos foram atendidos ou não no meio familiar, e como foi realizada sua iniciação escolar, ou seja, como foram suas primeiras experiências escolares? De que modo isso influenciou o seu processo de aprendizagem?

O tema foi escolhido a partir da atuação das autoras, onde pôde-se perceber e observar possíveis problemas afetivo emocionais, supostamente decorrentes da relação familiar e da interação escolar. O vínculo familiar é fundamental, influenciando na aprendizagem da criança, desta forma, faz-se necessário compreender de que maneira ocorre essa interferência na aprendizagem.

Deste modo, este trabalho tem por finalidade ressaltar a devida importância destes fatores influentes, e o quanto os educadores necessitam estar atentos a eles para um melhor rendimento escolar de seus educandos. Pode-se dizer que o aluno é o fruto do meio, neste enfoque, o meio familiar e escolar.

2. FAMÍLIA E A ESCOLA

Antigamente a instrução dos filhos era dever exclusivo da família. Mas a vida foi modificando e o conjunto dos conhecimentos a serem adquiridos por uma pessoa também se estendeu indefinidamente. O resultado disto é que a escola tomou, aos poucos, o encargo de

preparar para a vida as crianças e os adolescentes.

Se a importância da escola é tão grande na educação dos filhos, convém aos pais cercar -se de toda atenção não somente na escolha da escola, mas ainda nas relações estabelecidas entre a família, a direção e os professores. É de grande responsabilidade a escolha de uma escola para os filhos, é preciso não esquecer que na escola a criança passará muitos anos de sua vida. Se for escolhido uma escola com má organização, com professores de frequência irregular, os pais se arriscarão a prejudicar não somente a instrução de seu filho mas também o seu equilíbrio emocional. O mesmo acontecerá se o ambiente da escola for de excessivo rigor e gerará angústias. A boa orientação de uma escola se conhece pela existência de orientador educacional, pela formação pedagógica do seu diretor pela existência de iniciativas extracurriculares, tais como grêmios, clube de pais e mestres com reuniões periódicas, programas de cinema educativo, etc.

Uma vez escolhida a escola, é de grande importância que os pais preparem o espírito da criança para seu ingresso nela. É aconselhável sempre mostrar a escola como algo agradável, onde há muitas outras crianças e onde vai aprender a ler e a escrever.

Convém não esquecer que qualquer ambiente novo constitui algo gerador de desconfiança e de angústia. A escola é um ambiente novo, por isto os primeiros passos são de extrema importância e devem ser cercados, tanto por pais como pelos professores, de cuidados especiais, sem os quais as próprias relações da família com a escola correm os riscos de serem prejudicadas, direta ou indiretamente, procurar o professor e saber como poderiam colaborar para as coisas melhorarem. Infelizmente os professores nem sempre conseguem fazer contato com muitos pais, o que lhes torna a tarefa mais difícil. Existem pais que pelo contrário, por excesso de angústia ou escrúpulo exagerado, aparecem todos os dias para ter notícias da criança, sem que haja necessidade disto.

A entrega de resultados é um dos meios que permite estabelecer relações com os pais. Através deles são informados o andamento e o rendimento) escolar de seu filho. Se tudo correr bem alguns pais acreditam não haver a necessidade de procurar o professor para questionar questões de notas ou baixo rendimento, mas sim para acompanhar o processo educativo. Quando houver baixo rendimento escolar ou mesmo alteração na conduta, então uma ligação pais-professor se torna indispensável e mais presente.

2.1 Contexto Escolar

A escola apresenta-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer, assim como outras, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra eduque-se.

A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos”. (SAVIANI, 2000, p 15). Afirmar isso significa dizer que para se compreender a natureza da educação precisamos compreender a natureza humana. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, construindo, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social.

Educar já significou, e talvez signifique ainda, em algumas regiões do Terceiro Mundo, apenas gozar a vida cotidiana do grupo social ao qual se pertence. Assim, acompanhava-se os adultos em suas atividades e, com o passar do tempo, aprendia-se a “fazer igual”. Plantar, caçar, localizar água, entender os sinais do tempo, escutar histórias e participar de rituais eram atividades do grupo adulto, as quais iam sendo acompanhadas pelas crianças que, aos poucos, adquiriam instrumentos de trabalho e interiorizavam valores morais e comportamentos socialmente desejados. Não havia uma instituição especializada nestas tarefas. O meio social, em seu conjunto, era o contexto educativo. Todos adultos ensinavam a partir da experiência pessoal, aprendia-se fazendo.

A partir da Idade Média a educação tornou-se produto da escola. Pessoas especializaram-se na tarefa de transmitir o saber, e espaços específicos passaram a ser reservados para essa atividade. Poucos iam à escola, que era destinada às elites. Serviu aos nobres e, depois, à burguesia. A cultura da aristocracia e os conhecimentos religiosos eram material básico a ser transmitido.

Com as revoluções do século XIX, a escola passou por transformações, sendo a principal delas a tendência à universalização, ou seja, ela deveria atender a todas as crianças da sociedade (pelo menos em tese). O desenvolvimento da industrialização, foi, sem dúvida, o fator decisivo das grandes mudanças ocorridas nos séculos XIX e XX.

A industrialização deslocou o local do trabalho da casa para a fábrica, transformando, com isso, os espaços das casas e das cidades. Na casa, os lugares tornaram-se privativos, isto é, cada um conquistou seu espaço individual, como quartos, suítes, escritórios de estudo; na

cidade, a organização urbana adaptou-se à existência das fábricas e à necessidade de os trabalhadores deslocarem-se de suas residências para os locais de trabalho. Assim, construíram-se vias públicas para os transportes coletivos levarem os trabalhadores de um lugar a outro da cidade. O trabalho ingressou na esfera pública, deixando de ocupar os espaços da casa.

Outra consequência desta mudança ocorreu na família, que não podia mais sozinha preparar seus filhos para o trabalho e para a vida social. Era preciso entregar essa função a uma instituição que soubesse educar, não mais para a vida privada, do círculo familiar e do trabalho caseiro, mas para o trabalho que se encontrava no âmbito da vida pública, cujas regras, leis e rotinas iam além dos conhecimentos adquiridos pela família. A escola tornava-se, assim, esta instituição especializada.

Além disso, a Revolução Industrial sofisticou o trabalho com a implantação das máquinas, exigindo do trabalhador o aprendizado da tecnologia. Esta sofisticação do trabalho levou novas funções para a escola, como a de preparar o indivíduo para o trabalho, ensinando-lhe o manuseio de técnicas até então desconhecidas, ou a de fornecer-lhe os conhecimentos básicos da língua e do cálculo. A escola ganhou importância e ampliou suas funções.

A luta pela democratização da escola empreendida pelas classes trabalhadoras, até então alijadas desta instituição, foi outro fator gerador de mudanças. As classes trabalhadoras, conforme foram se fortalecendo e se organizando, passaram a exigir o direito de ter seus filhos na escola, isto é, o direito de acesso à cultura e ao conhecimento dominantes. A escola, pressionada, “abriu” suas portas para atender a outras camadas sociais que não somente a burguesia e a aristocracia. A escola universalizava-se.

Estes fatores contribuíram para que a escola adquirisse as características que possui hoje em nossa sociedade: uma instituição da sociedade, trabalhando a serviço desta sociedade e por ela sustentada a fim de responder a necessidades sociais e, para isso, a escola precisa exercer funções especializadas.

A escola cumpre, portanto, o papel de preparar as crianças para viverem no mundo adulto. Elas aprendem a trabalhar, a assimilar as regras sociais, os conhecimentos básicos, os valores morais coletivos, os modelos de comportamento considerados adequados pela sociedade. A escola estabelece, assim, uma mediação entre a criança (ou adolescente) e a

sociedade que é técnica (enquanto aprendizado das técnicas de base, como a leitura, a escrita, o cálculo, as técnicas corporais e musicais, etc) e social (enquanto aprendizado de valores, de ideais e modelos de comportamento). Aprender esses elementos sempre foi necessário. A escola é a forma moderna de operar essa transmissão.

A escola constitui um importante local de troca, de obtenção de informação e de aprendizado da investigação. É na escola que formulamos grande parte das respostas e das perguntas necessárias à compreensão de nossas vidas, de nossa sociedade e de nosso cotidiano, é o espaço no qual podemos adquirir a ideia do tempo histórico e da transformação que a humanidade produziu. Na escola podemos aprender que nem todas as pessoas pensam e agem da mesma forma e que essa diferença no modo de pensar e agir deve ser valorizada por todos nós.

Valores básicos na sociedade capitalista, como liberdade individual, autonomia, criatividade e capacidade de tomar decisões, exigirão da escola uma abertura em seu conservadorismo e autoritarismo. Sendo assim, a escola precisa ser articulada com a vida.

Muitas escolas hoje, já possuem um corpo docente constituído pela direção, serviço de Orientação Educacional, quadro de professores graduados e Centro de Atendimento ao Educando, composto por uma equipe multidisciplinar que contém psicóloga, assistente social, médicos, psicopedagogos, etc. Apesar de engatinhar rumo a uma nova era, a escola começa a voltar para o aluno suas prioridades e objetivos. Mesmo havendo muita resistência por parte da comunidade escolar, o índice cada vez maior de alunos fracassados e desinteressados pelo ensino acarreta, obrigatoriamente, uma mudança. A escola não é estática nem intocável, em consequência precisa rever suas bases contextuais para acompanhar a evolução da sociedade, atender os anseios e despertar o desejo de aprender de seus alunos.

A escola é uma instituição educativa: esforça-se por colocar em ação os meios mais eficazes para alcançar as finalidades educativas perseguidas pela sociedade. Transmite às crianças modelos explicitados e estilizados de comportamento, isto é, modelos mais puros, mais esquematizados, do que aqueles que a criança adquire através de contato social direto. Ensina as crianças a se controlar, isto é, dominar seus impulsos sexuais e agressivos e facilita a sublimação incultando-lhes certos ideais. Explica-lhes, direta ou indiretamente, o que é a sociedade, como ela funciona e quais são os deveres dos cidadãos. Em suma, a escola visa a uma transmissão mais eficaz dos modelos e das normas de comportamento. (CHARLOT, 1983, p.19).

2.2 Família e escola: uma parceria possível?

Quando as notas são altas e tudo vai bem, ninguém pensa em discutir a relação. Se o boletim e o comportamento deixam a desejar, começa o jogo de empurra. Professores culpam a família “desestruturada”, que não impõe limites nem se interessa pela educação. Os pais por sua vez, acusam a escola de negligente, quando não tacham o próprio filho de incapaz. Nessa briga nada saudável, a única vítima é o educando.

Escola e família têm os mesmos objetivos: fazer a criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. As instituições que conseguem transformar os pais ou responsáveis em parceiros diminuem os índices de evasão e de violência e melhoram o rendimento das turmas de forma significativa.

Atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras e até hábitos de higiene pessoal. Justificam alegando que trabalham cada vez mais, não dispendo de tempo para cuidar dos filhos. Além disso, acreditam que educar em sentido amplo é função da escola. E, contraditoriamente, as famílias, sobretudo as desprivilegiadas, não valorizam a escola e o estudo, que antigamente era visto como meio de ascensão social.

A escola, por sua vez, afirma que o êxito do processo educacional depende, e muito, da atuação e participação da família, que deve estar atenta a todos os aspectos do desenvolvimento do educando. Reclama bastante da responsabilidade pela formação ampla dos alunos que os pais transferiram para ela, e alega que isto a desviou da função precípua de transmitir os conteúdos curriculares, sobretudo de natureza cognitiva. Com isso, em vez de ter as famílias como aliadas, acaba afastando-as ainda mais do ambiente escolar.

Há que se considerar, ainda, os casos de separação do casal, em que as crianças são colocadas diretamente no embate e sofrem muito mais que os pais, que deixam de ser marido e mulher, mas continuam pai e mãe das crianças. Quando já estava presente um relacionamento de confiança família-escola, e esta acolhe o aluno de maneira satisfatória, os sentimentos de abandono e medo do futuro diminuem.

Em geral, tais pessoas conseguem comunicar-se melhor com as próprias oportunidades que o mundo oferece e geralmente tiveram o privilégio do estímulo familiar,

impulsionando e apontando o compromisso com a dignidade, a possibilidade de conquistar os próprios sonhos, alicerçando condições para que as pessoas acreditem em si mesmas e ajam com vistas ao sucesso.

Já no caso das famílias que têm se envolvido com a educação dos filhos enquanto cobrança, principalmente da promoção de uma série para outra, e também de comportamento e interação, colocando em plano secundário a motivação, o prazer de frequentar a escola e de aprender, os problemas se agravam. Como esperar alunos estimulados e envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem se a cobrança de resultados é excessiva e o medo de não corresponder às expectativas imobiliza?

Como as demais instituições sociais, a família e a escola, passam por mudanças que redefinem sua estrutura, seu significado e o seu papel na sociedade. É o que tem acontecido nos dias de hoje, em função de diversos fatores, sobretudo, a emancipação feminina. Com isso, os papéis da escola foram ampliados para dar conta das novas demandas da família e da sociedade. Esse é um fato que deve, necessariamente, ser levado em consideração quando se trabalha com a escola. Negá-lo é agir fora da realidade e não obter resultados satisfatórios.

É certo que cada segmento apresenta reclamações e expectativas em relação ao outro; os professores acham que os pais devem estabelecer limites e ensinar a seus filhos os princípios básicos de respeito aos semelhantes, boas maneiras, hábitos de alimentação e higiene pessoal, etc. Por sua vez, os pais se recusam a comparecer à escola para ouvir reclamações e serem instados a criar situações que possibilitem a aprendizagem de seus filhos, alegando que a função de ensinar conteúdos, criar situações de aprendizagem é da escola, dos professores.

Valorizar a heterogeneidade em lugar da ambicionada homogeneidade perseguida pela escola tradicional, a universalização do ensino, evitando a discriminação e o abandono, o processo e não apenas o produto do conhecimento, o respeito à diferença, investindo na educação inclusiva, o papel do professor como mediador do processo, bem como a necessidade de constituir junto aos estudantes valores e conceitos para a vida harmoniosa e plena em cidadania, são tarefas relativamente recentes e bastante complexas a serem assumidas por todos os envolvidos no trabalho escolar.

CONCLUSÃO

Foi feita assim, uma abordagem do contexto familiar/escolar com a tentativa de esclarecer alguns fatores das relações família/filho/escola que influenciam no rendimento escolar.

Pode-se dizer que as relações familiares e escolares interferem fortemente no processo ensino-aprendizagem, exercendo enorme influência no comportamento e desenvolvimento do educando.

O aluno que apresenta um baixo rendimento, geralmente, em vez de ser compreendido e estimulado é muitas vezes tratado com indiferença e considerado com pouca inteligência, sendo incapaz de desenvolver sua aprendizagem. Na maioria das vezes, tanto a família quanto a escola, acreditam que as causas das dificuldades estão e são da própria criança, ou buscam uma na outra os motivos desses problemas. Necessário faz-se a investigação de todas as partes, para que com a soma de todos, chegue-se as verdadeiras causas que levam ao baixo rendimento escolar e a outros problemas como de socialização e desmotivação pela escola.

Toda criança necessita de proteção, de segurança, de estímulo e de incentivo para desenvolver suas potencialidades e aptidões. A criança que possui algum tipo de carência, de alguma forma talvez venha a apresentar um baixo rendimento escolar ou dificuldade de aprendizagem, e possivelmente tornara-se um adulto inseguro também. Sendo assim, ressalta-se a importância das relações humanas, o apoio da família à criança, a união entre escola e família, para que se possa formar cidadãos capazes, confiantes e de bem consigo mesmos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Mara de; SOARES, Kátia Cristina Dambiski. **Pedagogo Escolar – as funções supervisora e orientadora**. 1.ed. Ibipex, Curitiba, 2010.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Lei nº 9424, de Dezembro de 1996**.

CAMPOS, Dinah Matins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, Professores fascinantes**. 11.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1983.

FERNANDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 2.ed. São Paulo: Olho d'água, 1993.

FONSECA, Vitória. **Dificuldades de Aprendizagem**. 29.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da Alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LEAL, Daniela ; NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Dificuldades de aprendizagem – um olhar psicopedagógico**. 1.ed. Curitiba, Ibpx, 2010.

MALDONADO, Maria Teresa. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1994.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações**. Campinas, Ed. Autores Associados, 2000.

TIBA, Içami. **Quem Ama Educa**. São Paulo: Gente, 2002.

WITTMANN, Lauro Carlos; KLIPPEL, Sandra Regina. **A prática da gestão democrática no ambiente escolar**. 1.ed. Curitiba, Ibpx, 2010.